



CAPÍTULO 14

O que os pais devem saber sobre as atividades aquáticas para bebês

Rita Fonseca Pinto, Pedro Sarmento, Renata Rodrigues, Cacilda Velasco, Luciane de Paula, Robert Strauss, Mónica Anzueto, Facundo Comba, Lulú Cisneros, Rossana Pugliese e Juan Antonio Moreno Murcia

Como citar este documento:

Fonseca-Pinto, R. Sarmento, P., Rodrigues, R., Velasco, C., De Paula, L., Strauss, R., Anzueto, M., Comba, F., Cisneros, L., Pugliese, R. & Moreno-Murcia, J. A. (2024). O que os pais deveriam saber sobre as atividades aquáticas para bebês. En R. Fonseca-Pinto, A. Albarracín & J. A. Moreno-Murcia (Eds.), *Avanços científicos e práticos nas atividades aquáticas* (pp. 97-104). Sb Editorial.

O que os pais devem saber sobre as atividades aquáticas para bebês

Rita Pinto, Pedro Sarmento, Renata Rodrigues, Cacilda Velasco, Luciane de Paula, Robert Strauss, Mónica Anzueto, Facundo Comba, Lulú Cisneros, Rossana Pugliese e Juan Antonio Moreno Murcia



IDEIAS CHAVE

- As atividades aquáticas para bebês devem centrar-se na família e no bem-estar do bebê.
- As atividades aquáticas para bebês são o início de um processo que se pretende integrar ao longo da vida.
- As atividades aquáticas para bebês em ambientes aquáticos com atitudes adequadas contribuirão para o desenvolvimento global de uma criança saudável, capaz e motivada.

INTRODUÇÃO

As atividades aquáticas para famílias com bebês (0-1 ano aproximadamente) podem ser uma **experiência enriquecedora e benéfica tanto para os pais como para os bebês**. Com jogos, incluindo exercícios na água e no seu ambiente, é possível ajudar os bebês a desenvolver competências motoras, cognitivas, psicoemocionais e sociais, bem como uma melhor organização corporal e confiança na água. É uma atividade em que os pais precisam de estar ativamente presentes e é importante que estejam bem informados sobre as precauções de segurança e algumas considerações elementares antes de levarem os seus bebês para a piscina ou qualquer outro ambiente aquático.

Este recurso apresentará alguns dos tópicos essenciais que os **pais devem saber sobre atividades aquáticas para bebês**, incluindo as melhores práticas para garantir a segurança do bebê, os benefícios para o desenvolvimento, quando vai mergulhar e quando é provável que aprenda a deslocar-se sozinho. Ao estarem informados e conscientes dos fatores importantes desta atividade, os pais podem desfrutar experiência com os seus filhos com empenho, responsabilidade, confiança e prazer.

A IMPORTÂNCIA DE UM PROGRAMA AQUÁTICO EDUCATIVO PARA

“A conduta que se tem com o bebé influencia o seu comportamento e o seu autoconceito, e isto é tão verdadeiro fora da água como dentro dela.”

FAMÍLIAS COM OS SEUS BEBÊS

Expor o bebê, de forma **segura e alegre**, a um ambiente rico em oportunidades, onde ele tem de resolver problemas, tomar iniciativas, exercitar a sua atenção, aventurar-se sozinho, em situações estáticas e dinâmicas, sabendo que a mãe e/ou o pai estão por perto e envolvidos no momento, em vez de estimular a criação de padrões de comportamento, vai ajudá-lo a desenvolver-se, a amadurecer e a construir o seu pensamento. Tudo isto ajudará a construir as bases para um desenvolvimento feliz no futuro. Por esta razão, devemos valorizar a importância das primeiras **experiências do bebê**, e a água é um ambiente rico em oportunidades para um bebê ávido por explorar.



Suavemente e com ternura, na presença dos pais, o pequeno é introduzido no meio aquático, dando-lhe a oportunidade de se adaptar sem pressas. Desta forma, o seu sistema nervoso

mantém-se vigilante a tudo o que é novo e dá-lhe a garantia de que a experiência está a correr bem, mantendo-o disponível para a aprendizagem. Recordemos que na primeira infância, os sentidos captam e avaliam a informação do meio ambiente e é importante que sejam tidos em conta no processo educativo como fonte de desenvolvimento pessoal e de riqueza neuronal. É comum ouvir falar de estimulação precoce, e é importante clarificar dois conceitos: o desenvolvimento é pessoal e difere de bebé para bebé, e a estimulação não significa que algo vai surgir mais cedo. Neste sentido, a qualidade da gestão das experiências proporcionará mais oportunidades para alcançar conhecimentos importantes, permitindo ao bebé descobrir outras ferramentas para o seu crescimento, tanto a nível corporal (maior mobilidade), como cognitivo (aprendizagem de novos conceitos) e social (interação com outros adultos e bebés).

O **gosto pela água**, o senti-la no rosto, em todo o corpo, ouvir o seu som dentro e fora, o cheiro e o sabor, a liberdade de movimentos, o poder flutuar, o abraço afetuoso dos que estão próximos, as suas vozes e melodias, as brincadeiras que são sugeridas num elemento tão versátil – a água – não podem deixar de proporcionar à criança um local ideal para iniciar a construção do seu pensamento de uma forma divertida, completa e interessante, para além de ser o prelúdio do que será a sua consciência corporal que se repercutirá ao longo de toda a sua vida.

É importante valorizar quem é e o que pode proporcionar a todos, este brinquedo do Planeta – a água. Isto é possível em **programas centrados na família e no bem-estar do bebé**. Nestes, os pais têm um papel essencial como parte ativa de todo o processo, e é muito importante que estejam conscientes do porquê de estarem a fazer o que estão a fazer e de como o podem fazer de forma a satisfazer as necessidades do seu bebé. Trata-se de um processo pessoal, pois existem "códigos individualizados" (interações verbais e não verbais, como atitudes, mímicas, contactos, etc.) entre pares (adulto-bebé).

Conhecer o programa aquático e a sua filosofia antes de se inscrever é essencial para uma escolha consciente e empenhada da família. Permite ajustar as expectativas à realidade e ir ao encontro das intenções da família. Todos (o bebé e a família) beneficiarão. A nossa recomendação é informar-se previamente.

QUAIS DEVEREM SER OS VERDADEIROS OBJETIVOS DA ATIVIDADE AQUÁTICA PARA BEBÉS?

- Desfrutar da oportunidade de reforçar a vinculação e o conhecimento entre pais e filhos, influenciando a relação parental, ao mesmo tempo que se inicia um processo de descoberta de si próprios e do meio aquático.
- Participar na construção da relação do bebé com o meio aquático em estreita interação com o pai/mãe.
- Descobrir um novo ambiente que pode trazer benefícios para o desenvolvimento motor, cognitivo, psicoemocional e social.

- Descobrir o corpo, organizando-o num ambiente de tranquilidade e respeito.
- Aprender novos conceitos através das múltiplas possibilidades da água.
- Conhecer as suas emoções, descobrindo como organizá-las num ambiente positivo e seguro.
- Explorar as possibilidades do seu ser, em interação com o meio aquático e com os outros, desenvolvendo a sua autonomia.
- Socializar e interagir com os outros (outros bebés, crianças e adultos).
- Desfrutar de atividades aquáticas com a mãe ou o pai, dentro e fora da água, num ambiente seguro e feliz.
- Aprender as competências aquáticas que lhes permitem desfrutar do ambiente com mais segurança (saber entrar, sair, deslocar-se, mergulhar, alcançar objetos, etc.).
- Aumentar a segurança aquática adequada quando estão dentro ou perto de uma massa de água.

Quais não devem de ser os objetivos?

- Garantir a sobrevivência do bebé.
- Aprender as técnicas de nado.
- Ser capaz de se deslocar com padrões motores relacionados os estilos.
- Fazer das habilidades motoras o único propósito.
- Mergulhar/submergir repetidamente ou mergulhar prioritariamente.
- Ser autónomo no meio aquático.
- Estar sozinho na água com pouca supervisão.

BENEFÍCIOS DAS ATIVIDADES AQUÁTICAS PARA FAMÍLIAS COM BEBÉS

- Melhorar a relação familiar.
- Permitir aos pais conhecer melhor quem é o seu filho e as suas competências na interação com o meio aquático.
- Ajudar a compreender melhor o significado interno (necessidades emocionais) do comportamento observado (olhar, timbre, gestos, expressão facial ou desatenção deliberada).
- Descobrir um novo ambiente e aprender progressivamente a estar nele: deslocar-se, flutuar, mergulhar, manipular materiais, interagir com os outros.
- Ter liberdade de movimentos, exploração corporal alargada e experiência de consciência respiratória.
- Desenvolver o raciocínio lógico, a consciência corporal, uma maior destreza motora, a interação e a partilha com os outros, o domínio de um novo ambiente para além do terrestre.
- Aprender sobre as emoções, como o medo, e como regulá-lo numa situação de perigo.
- Construir a autonomia e o bem-estar pessoal a diferentes níveis através de experiências num ambiente de socialização como uma aula de grupo.
- Viver momentos mágicos que os acompanharão para o resto das suas vidas.

- Viver uma experiência aquática que lhe permita construir conhecimentos (saber fazer, saber saber, saber ser/saber estar) de forma a melhorar progressivamente a sua capacidade de observação e interpretação.

“Embora as aulas de natação constituam uma ajuda suplementar para a proteção contra o afogamento, não garantem que uma criança seja à prova de afogamento.”



PORQUE NÃO CHAMAR NATAÇÃO PARA BEBÉS ÀS ATIVIDADES AQUÁTICAS PARA FAMÍLIAS COM BEBÉS?

Os programas aquáticos para bebés no primeiro ano de vida são variados, visando diferentes objetivos (competências de natação, desenvolvimento infantil, segurança na água, etc.). Embora a natação para bebés seja uma atividade popular e benéfica para os bebés, pode ser enganador assumir que a aprendizagem está orientada para a aprendizagem dos padrões motores básicos da natação e do mergulho. Na realidade, muitas atividades são realizadas dentro e à volta da água que não envolvem o ensino das habilidades de natação ou vão além destas, como a manipulação de materiais, a identificação de objetos, texturas, cores, escalar, rastejar, transpor, etc. Por isso, é importante clarificar a fundamentação das atividades recomendadas para a primeira infância, procurando com este recurso defender a utilização da nomenclatura “atividades aquáticas para famílias com bebés”, de modo a proporcionar atividades seguras e benéficas no meio aquático, de acordo com os marcos do desenvolvimento infantil e com o aumento da segurança em ambientes aquáticos.

A atividade aquática para famílias com bebés é recomendada para a primeira infância e os benefícios dependem das **características pessoais do bebé e do programa aquático** (não incluindo o programa de autossalvamento aquático).

NO PRIMEIRO ANO DE VIDA O BEBÉ APRENDE A NADAR?

Os bebés podem aprender a deslocar-se e a flutuar na água desde muito cedo, mas **não se considera que aprendam a nadar até serem um pouco mais velhos** e terem capacidades motoras mais avançadas. Por exemplo, os bebés têm reflexos naturais de sobrevivência na água, como o reflexo de apneia, que lhes permite sustentar a respiração fechando as vias respiratórias quando submersos. O reflexo natatório, por outro lado, estimula o bebé a dar pontapés e a mover os braços instintivamente (alternadamente e/ou simultaneamente) na água, mas, devido ao peso da cabeça e ao tamanho dos membros, não é possível

subir à superfície e respirar sozinho, nem prever quando tem de o fazer.

O meio aquático, devido às suas características e para maior segurança, exige uma conduta motora para se deslocar consciente e premeditado. Ao mesmo tempo, o bebé está num processo de maturação em que não tem intenção nas suas ações, razão pela qual não consegue nadar sozinho numa fase tão precoce do seu desenvolvimento. A aquisição de habilidades básicas de natação com competência na água requer várias sessões (perseverança), e a aquisição de competência na água é um processo longo que envolve aprendizagem e maturação do desenvolvimento.

A exploração dos reflexos pode ajudar a desenvolver a segurança gravitacional e a intencionalidade motora, bem como a melhorar a coordenação e a força muscular, mas isto é algo que se constrói ao longo do tempo e não antes dos 2/2,5 anos de idade. Esta é apenas uma referência numérica que depende do momento em que o bebé inicia a atividade e da forma como o processo decorre. Nestes casos, e como os bebés apresentam frequentemente comportamentos imprevisíveis e variáveis, podendo encontrar soluções diferentes para cada interação, a supervisão é obrigatória, independentemente das características comportamentais do bebé. A família precisa de estar consciente dos perigos, e esta natureza imprevisível da infância é um deles.

Assim, estas aulas são uma ótima forma de iniciar bons hábitos de segurança na água e começar a prepará-los para aprenderem a deslocar-se com progressiva autonomia. E, sim, há sempre uma aprendizagem e faz todo o sentido inscrever o seu filho numa destas aulas desde cedo. No entanto, é importante não esquecer que a atividade aquática para bebés não é um método infalível de prevenção de afogamentos, pelo que devem ser sempre tomadas as devidas precauções de segurança em torno da água e garantida a supervisão permanente por adultos responsáveis.

O PRIMEIRO CONTATO DO PAI/MÃE-BEBÉ COM A ATIVIDADE AQUÁTICA

São momentos muito especiais na **história da família**. A primeira vez que vão à piscina é normalmente cheia de excitação e expectativa sobre como o bebé vai reagir, onde a experiência do banho em casa é o principal ponto de referência. Por tudo isto, é comum observar expressões de admiração e surpresa que invadem este casal, onde também é muito natural que o bebé se surpreenda com o ambiente, razões que valorizam a importância de cuidar deste momento.

O bebé pode reagir com calma, tranquilidade, confiança, curiosidade ou, pelo contrário, pode estar nervoso, ansioso e eventualmente angustiado. É necessário observar, respirar e segurar o bebé nos braços com muito amor, falar com ele, transmitir segurança e disponibilidade total para o processo. Permitir que o bebé observe o ambiente do seu próprio ponto de vista vai ajudá-lo a assimilar as informações de quem ele

mais confia, os pais. É ele que indica o ritmo que o adulto deve adotar.

“As famílias devem aprender a apreciar estes momentos; cada chapinhar pode trazer consigo um mundo infinito de possibilidades”.

A IMPORTÂNCIA DA VINCULAÇÃO PADRE/ MADRE-HIJO NO PROCESSO EDUCATIVO NO MEIO AQUÁTICO

Um modelo de ação baseado no **cuidado com o vínculo e com o desenvolvimento do bebê** é essencial para uma prática educativa que respeite a formação do ser humano. É importante que seja uma experiência interessante, com prazer, sem pressões sobre quando e como a realizar. Os pais devem assumir uma atitude ativa, curiosa, disponível e vigilante.

A água é uma fonte de estímulos que leva o bebê a reagir com comportamentos de proteção (agarrar) à mãe/pai (mãos, braços, pernas e pés), a procurar o contacto direto (por vezes só com os pés) ou o contacto indireto ao alcançar um brinquedo. É essencial **observar atentamente o bebê** (durante as sessões e noutros ambientes), não o estimular demasiado (concentrar-se no fazer) e não o forçar a fazer quando não quer, para que o bebê não se sinta ameaçado na sua ligação com a mãe/pai e mantenha a certeza da sua segurança afetiva e emocional. Isto dar-lhe-á mais possibilidade/confiança para seguir a “aventura” de descobrir este ambiente. A neurocepção e a percepção da criança de que está segura é decisiva para estar disponível para explorar e construir aprendizagens.

Para favorecer a conquista progressiva da autonomia, é importante observar os **movimentos voluntários do bebê** (o que lhe desperta interesse, onde surge o desafio, o que o incomoda, como reage, etc.). Aceitar os convites do bebê para brincar com as suas criações, transmitindo-lhe a segurança necessária (física e emocional), mas sem sobreproteger.

Enquanto constroem esta vinculação que lhes permite explorar o ambiente e regressar sempre aos pais (círculo de vinculação) para celebrar as suas conquistas, quando não se sentem seguros para ir mais longe ou quando estão cansados, é muito importante nunca deixar de observar o bebê/criança dentro ou à volta da água. Independentemente do grau de autonomia, é necessário permanecer atento às suas reações (ritmo respiratório, expressões faciais, tônus corporal), dando o necessário reforço positivo afetivo e verbal (carícias, beijos, palavras de reconhecimento, etc.). Tudo isto contribuirá para reforçar a confiança do bebê.

“Trata-se de respeitar o bebê, o seu desenvolvimento e a sua individualidade. Se for feito com o devido cuidado, ele vai gostar de aprender a nadar e aprenderá mais rapidamente.”

QUAL É A DURAÇÃO DA SESSÃO E A TEMPERATURA DA ÁGUA RECOMENDADA?

A duração da sessão pode variar entre **25 e 40 minutos**, adaptada à idade e às necessidades do bebê. É importante que o tempo da sessão permita a aprendizagem, evitando o cansaço ou a saturação. Idealmente, a atividade deve terminar com o bebê ativo, sereno e feliz, uma vez que a atividade na água terá um impacto no descanso e no apetite do bebê.

Deve-se conseguir que o bebê se sinta confortável na água, sugerindo-se que a temperatura da água se situe entre **30°C e 32°C**. Recomenda-se o ajuste da temperatura da água em casa à temperatura da piscina.

QUANDO PODE SURTIR O MERGULHO OU A IMERSÃO DO BEBÉ?

A **respiração** é o fator determinante da “velocidade de adaptação” ao meio aquático, tal como o é na aprendizagem das “habilidades aquáticas”. É importante confiar neste processo pessoal e individual de cada bebê. O corpo do bebê indica-nos tudo o que precisamos de saber. O tônus muscular, a inclinação da cabeça e do corpo, a expressão facial de prazer ou desconforto são simples indicadores do que ele está disponível para fazer, o que é diferente do que o adulto quer fazer com ele. Uma forma muito simples é brincar livremente com a água, imitar o soprar de bolhas, imitar o mergulho de patos ou golfinhos, ser capaz de colocar os pés numa parte pouco profunda da água e tentar apanhar objetos submersos.

A **imersão** é uma consequência natural da aprendizagem na interação agradável do bebê com o ambiente aquático. Tem benefícios quando ocorre voluntariamente. O bebê deve poder estar num ambiente estimulante onde os pais possam colocar as vias respiratórias perto do nível da água, soprar bolhas, brincar com a água. Isto encoraja o prazer e a imitação por

“Transformar a “água” num brinquedo é uma forma segura do processo de respiração adequada num ambiente líquido.”

parte do bebê. Isto é muito positivo e, se a experiência for positiva, o bebê vai repeti-la, explorá-la e integrá-la na sua evolução.

O simples ato de **molhar as vias respiratórias do bebê**, por exemplo, a água caindo da parte de trás da cabeça em direção ao rosto, dá ao bebê a sensação de imersão, ativa os reflexos faciais (pestanejar e tremores faciais e uma ligeira apneia). Por conseguinte, a imersão não é o fim da atividade, mas a atividade é um processo adaptativo para a imersão.

“Nadar no es simplemente mover brazos y piernas, nadar es una habilidad motora compleja que requiere procesos cognitivos y emocionales de ajuste e interacción con el entorno”.

Por tudo isto, a imersão vai surgir muito simplesmente, no momento em que o bebê coloca voluntariamente o rosto na água em interação com os pais, o educador ou os colegas.

Trata-se de uma conquista variável ao longo do tempo e quanto maior a naturalidade e prazer na atividade ela surgirá.

Assim, a **adaptação ao meio aquático** é a fase inicial em que a pessoa vai sentir e experimentar sensações totalmente diferentes das percebidas em terra, de modo a ganhar confiança na água. A diversidade de actividades realizadas para esta adaptação conduzirá, assim, a um momento em que o bebé está pronto, a um nível evolutivo de desenvolvimento, para a imersão e/ou o mergulho. É um processo semelhante à conquista do sentar, gatinhar ou andar. Se colocarmos um bebé de pé e o seu desenvolvimento e maturação ainda não estiverem no ponto ideal, ele não se manterá de pé. O mesmo acontece na água. É importante respeitar o processo evolutivo e as emoções do bebé, pois uma má experiência pode fazer com que o bebé não se sinta confortável no meio aquático.



QUANDO É QUE O BEBÉ CONSEGUIRÁ NADAR SOZINHO PARA EU NÃO TER MEDO QUE SE AFOGUE?

Não existe um tempo definido, nem um nível de competência pré-determinado, depende de cada bebé, do contexto e da situação. Recomenda-se que se **respeitem os tempos** de desenvolvimento físico, mental e psicoemocional para aprender a nadar.

Concretamente, os bebés não têm maturidade suficiente para lidar com algo tão complexo como nadar e saber quando respirar, o que requer ajuda, devido ao tamanho dos seus membros, da sua cabeça e da sua consciência. Apesar da existência de modelos educativos condutistas, em que o bebé é manipulado pelo adulto para mergulhar ou para mover braços e pernas, não será possível fazer com que o bebé se desloque sozinho e se oriente para uma saída segura da água. A construção do conhecimento do bebé deve respeitar a sua maturação, basear-se num ambiente estimulante e em práticas que privilegiem a exploração vivencial na conquista da autonomia.

Os adultos são essenciais para garantir a **segurança física e, sobretudo, emocional**. A capacidade de saber atuar no meio aquático é um conhecimento que se constrói, não é algo que se possa possuir.

É de salientar que a ciência ainda não demonstrou a **transferência** de competências (onde entrar na água, onde sair, se o chão escorregar e eu perder o pé, flutuar no mar ou piscina aberta com sol direto nos olhos, temperaturas mais

baixas, ondas, etc.) aprendidas numa piscina para outros espaços aquáticos, embora estejam a ser realizados estudos a este respeito.

QUE TIPO DE FLUTUADORES SÃO RECOMENDADOS?

A utilização de flutuadores com bebés é um tema muito debatido. Alguns pais e prestadores de cuidados utilizam os flutuadores com a ideia de que irão ajudar os seus bebés a aprender a nadar ou a sentirem-se mais confortáveis na água e ajudá-los a flutuar, dando aos pais uma **falsa sensação de segurança**.

“Há atitudes menos ponderadas dos adultos que podem levar a traumas. A responsabilidade dos pais em relação a este bebé triplica na água.”

Os flutuadores mantêm os bebés verticalizados na água, mas para se ser competente na água, é preciso aprender a estar na horizontal. Também é necessário aprender como a água pode sustentar o corpo (flutuabilidade). Ao escolher um flutuador, certifique-se de que lhe serve corretamente, o que se baseia no peso e não na idade. Deve ser um dispositivo bem ajustado ao corpo que mantenha a cabeça fora de água e não restrinja demasiado os movimentos dos braços. Este tipo de material (braçadeiras e boias de praia) não oferece a mesma proteção que um colete salva-vidas, pelo que não é recomendado.

Os bebés podem aprender a depender do flutuador e não aprender devidamente a mover-se na água por si próprios. A nossa recomendação é que, quando se utilizam flutuadores, estes não devem ser colocados no momento da entrada, durante toda a prática ou no momento da saída da água. A utilização de flutuadores deve ser uma experiência que pode ajudar a construir autonomia para explorar o ambiente e sentir-se seguro sem o contacto físico permanente do adulto, mas não são uma solução. **O melhor apoio para o bebé são os pais.**

À medida que os bebés evoluem e conquistam os seus primeiros movimentos sem a ajuda de material, continua a ser importante não subestimar os perigos do meio aquático e não sobrestimar a competência descoberta. Os acidentes acontecem e não escolhem as famílias. É importante recordar que a supervisão responsável e constante dos bebés e das crianças (quer tenham ou não auxiliares de flutuação) é essencial quando se encontram em qualquer meio aquático ou na sua proximidade. A supervisão é uma das barreiras para evitar acidentes fatais no meio aquático. Os benefícios do meio aquático são muitos, e é importante aproveitá-los, mas com a máxima segurança.

O QUE ACONTECE QUANDO O BEBÉ CHORA?

A expectativa é intrínseca ao ser humano, levando por vezes à frustração. É comum que, quando o bebé está satisfeito na interação com a água em casa, os pais optem por um programa aquático para que as mesmas sensações se repitam, mas esta generalização de que todos os ambientes aquáticos e todas as

sessões geram a mesma resposta não vai ser acontecer e leva muitas vezes à frustração.

O choro é uma forma de comunicação importante para os bebés. É como acontece com todos nós, de repente há coisas que nos apanham de surpresa ou de que não gostamos. É importante respeitá-lo, acolhê-lo e tentar compreender o que aconteceu. Cuidar das necessidades fisiológicas e/ou emocionais. Dar-lhe colo, dar-lhe conforto para que ele se possa reorganizar no ambiente. Se o bebé não se sentir bem na água, é aconselhável sair da água. É muito importante que o bebé se sinta seguro para estar disponível e curioso para explorar o meio aquático.

Lembre-se de que todas as emoções são bem-vindas, tanto a satisfação como o desagrado, num determinado momento da interação. É necessário reconhecer o que o bebé está a sentir, acolhê-lo e ajustar as condições ambientais para que a percepção do bebé possa evoluir de novo para o prazer.



CONCLUSÕES

“Os flutuadores não devem ser utilizados em demasia, uma vez que os materiais devem ser acessórios que facilitem o desenvolvimento e a exploração e não materiais anti-afogamento.”.

A atividade aquática com bebés não é para os bebés realizarem tarefas do tipo estímulo-resposta, é para os bebés beneficiarem do ambiente, para desfrutarem do momento. É esse o princípio. Ter adultos atentos e disponíveis para eles. Que sabem que a organização de um ambiente calmo e sensorialmente consciente contribuirá para o desenvolvimento de crianças saudáveis, capazes e motivadas.

Se chamamos **atividade aquática para famílias com bebés**, é para fazer deles o protagonista da história e não para a transformar numa prática para satisfazer as necessidades dos adultos. Em muitas ocasiões, o bebé não é respeitado, mas cumpre tarefas e é submergido quando o adulto decide, procurando que sejam acrobatas aquáticos, transformando-os em meros objetos, em vez de pessoas.

As atividades aquáticas podem constituir um oásis de bem-estar para os bebés e suas famílias. É o início de um processo que procuramos integrar ao longo da vida. É uma atividade que procura uma relação emocional através do movimento como estratégia para o seu bem-estar, um ato de amor, onde as emoções estão presentes em todos os momentos. A riqueza a longo prazo da interação pai-mãe-bebé na água é maravilhosa e os benefícios não são apenas para o bebé, mas para todos os envolvidos.

